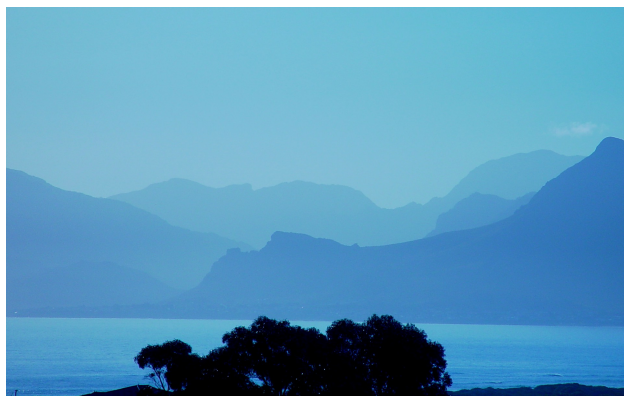


A produção de horizontes...

Uma leitura da
Conferência Bienal do CDRA

Rogério Silva¹
Instituto Fonte



Nigel Goddard

Não sei ao certo quando foi. Não se tratava de tempo medido em números, do jeito engarrafado que espirram as linhas de produção. Era um quando esférico, existente em si mesmo, estendido entre pontos da vida que se sabe existir, mas que alguém ver não consegue. Melhor chamar aquilo de existência, E não de tempo. Lá estou, de lá escrevo.

No antes, tomo o avião numa São Paulo opaca. Estou em estado de pressa, como se viver fosse questão de urgências. No peito estão impressas tantas tarefas, tantas demandas e tantas respostas, que a viagem se converte em ato de transgressão. Decolar é dizer não, permitir alívios e cultivar esquecimentos. Talvez seja o que faz as turbinas do avião gritarem tanto. Seu arremesso ao céu vem como parto; há dores para que outra leveza possa existir.

Na estrada aérea um céu esburacado lembra as armadilhas que povoam o pensamento social desses dias, meu pensamento. Leio Celso Furtado em busca de aprofundar o entendimento. Penso nos ciclos do País que se apequena no horizonte da proa: qual será o próximo? Um novo tempo de cana de açúcar? Novos senhores em novos engenhos? Uma nova escravidão? É possível intuir e intervir para mudar? As perguntas pesam e também por isso viajo, para buscar apoios e alianças, estar entre companheiros, forrar o bernal de força e espírito. Eu sigo para produzir destinos.

Amanheço em Cape Town e o dia está vestido de azul. Penso no Poetinha, na música que não me sai da cabeça, e cantarolo rouco “*o astronauta disse que a terra é toda azul amor, isto é bom saber, porque é bom viver no azul, amor*”. Escolho não fugir de sensibilidades. Estou novamente em solo africano! E isso significa muito. Recebo memórias de cada esquina do corpo, elas não são apenas lembranças. Aqui é também outro mundo. Imagino no mapa o espaço que percorri. Lembro de quem me dá esse presente, os colegas no Brasil, e agradeço aquecido pela chegada.

A caminho da cidade o carro segue ligeiro e me lembra que aqui também há relógios e urgências. Um rapaz apressado dirige ao interior da cidade. Na estrada, a montanha-mesa, deslumbrante, me faz enxergar os alimentos que quero compartilhar. A *Conferência* está perto e nela me sentarei junto a um grupo de gentes gigantes. Há um pão a ser passado de mão em mão, multiplicado com quem chega à ceia. *Table Mountain* é uma mesa mágica, assim desejo a *Conferência*.

¹ Rogério Silva é diretor executivo do Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social (www.fonte.org.br). Este ensaio foi produzido a partir de sua participação na II Conferência Bienal do CDRA – Community Development Resources Association (www.cdra.org.za), realizada na África do Sul, em maio de 2007.

Penso em como será o encontro, no que esperam de mim, no que trago para cá. O que poderão depositar em mim? Quem estará aqui, junto? Será gente desejosa de verdades? Será gente com a alma mergulhada em trincheiras? Calo os ímpetos enquanto contorno o cais. Agora caminho pela cidade e observo as gaivotas: são centenas. Gosto delas porque não desistem; gritam, rasgam e estão. Será essa minha questão? Também escolho dar corda às perguntas, quero construir uma trajetória de permissões.

É outro dia, final da manhã, quando chegamos a McGregor. A cidade não é mais do que algumas fileiras de casas em cores claras e grandes quintais. Tenho a impressão de que são mais jardins do que gente, porque quase não a vejo. A rua principal é uma rua de silêncios, são quase desconfianças de um corpo ainda fechado. Ao redor brotam montanhas, elas contornam com suavidade a pequena cidade, E não a abraçam. Sopra vento seco em todas as direções. Eles nascem e se encontram aqui.

Uma esquina a mais e a cidade não está mais calada. No pátio em frente a um salão paroquial a *Conferência* ganha vida, floresce nas cores e sotaques de uma gente que se avoluma nas mesas de inscrição como se ali fosse uma feira. Entre abraços em quem reencontro e sorrisos de quem conheço ali, vou colecionando sensações boas: alegrias de quem chega e o carinho intenso de quem nos recebe aqui: reencontro o CDRA e eles me abraçam soltando um *Rodório* que acaba de se tornar meu nome.

O encontro começa. A plenária de abertura traz as vozes de cada um de nós numa grande ciranda. É a tentativa de mostrar os jeitos das nossas almas enquanto nos preparamos para a pergunta que abre a *Conferência*: por que estamos aqui? Convidamos a refletir e inaugurar um diário, que é o material da *Conferência*. Fecho os olhos antes de verter no papel um tanto de pensamentos e desejos, e escrevo:

“Procuró profundidade e consistência em meu trabalho, nas minhas intervenções. Procuró uma forma de apoiar processos que ajudem o Instituto Fonte a amadurecer em direção a uma organização que seja sustentável, engajada, criativa, relevante e que ajude a sociedade brasileira a mudar. Estou aqui porque estas pessoas e este encontro podem me trazer aprendizagens, contatos, leituras e possibilidades. Estou aqui à procura de apoio técnico, político, ético e financeiro; penso que ao me revelar, ao falar do Instituto Fonte, dos nossos desejos, do que estamos fazendo no Brasil, estas intenções possam se concretizar. Venho autêntico e estou aqui em busca de autenticidade.” (notas do campo)

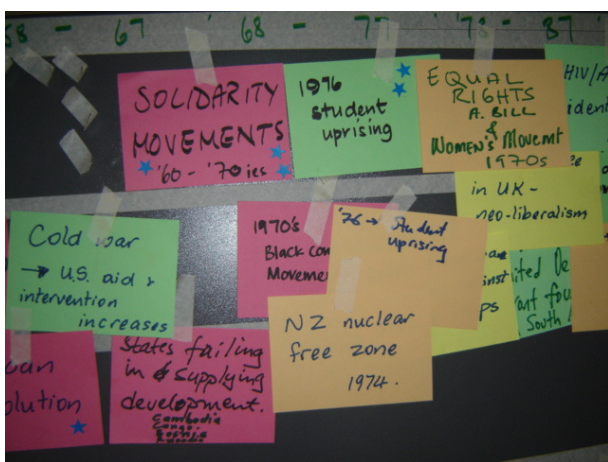
O movimento de abertura preserva certa timidez; vai devagar para que possamos chegar. Na agenda apresentada não há espaço para partilhar expectativas. Será pra dentro, eu penso. É preciso sustentá-las para a tarde que virá. Olho para meus registros, penso neles e sei que as palavras dão boas vindas a mim mesmo, me lembram que estou aqui. Penso no que eu quero e faço um acordo então: quero que a *Conferência* ocorra dentro de mim, porque nem tudo está lá fora, porque quero levá-la comigo. Será preciso equilibrar, perceber o que sou a cada atividade, como reajo aos gestos e às idéias, como eu me sinto. Linha tênue a beirar o egoísmo. Será este um desafio metodológico?

Escolho um grupo com o qual parto para uma casa distante, semi-acabada, em cor de terra vermelha. Nela não há ângulos retos. Surpreendo-me. Nossa tarefa é construir compreensões sobre a biografia do setor social e parte do método é o trabalho com argila, que escolhi. Venho para colocar as mãos, para esculpir possibilidades,

transformar libido em forma. Venho para ler as forças presentes no balanço entre terra e água, lidar com elas. Quero enxergar as forças que agem na realidade em que trabalho, nos fluxos nacionais e internacionais da ajuda. Quero vê-las.

Cada mão tem seu peso, cada corpo, seu tempo, cada forma sua corrente invisível, seu fluxo de determinação, suas linhas escondidas. A argila ajuda a experimentá-las. Com algum tempo, sobre as mesmas depositamos as esculturas enquanto na parede construímos uma linha do tempo. Quantos saberes aqui dentro! Encontro-me com conceitos novos, marcos que eu não conhecia, outras prioridades.

Damos-nos conta de que seqüestraram a palavra desenvolvimento. Nossa palavra. Transformaram-na em mercadoria, em mecanismo de ajuda, em coisa a ser adquirida, doada, projetada sobre os outros. Dividiram o mundo em fatias - e me lembro das aulas de geografia no distante ginásio. “Somos um País subdesenvolvido!” Era o que dizia Iraí, a professora que hoje penso arrogante. Enxergo a reificação. Deixo para trás a professora e a anestesia das aulas de história. Incomoda-me o conceito afastado, um desenvolvimento longínquo que paira sobre nós como se lhe manipulassem do Olimpo.



O grupo se incomoda. Nós não vivemos no Olimpo. A linha do tempo é complexa e revela contradições. Deslizamos para uma disputa de eventos, uma luta que nos deixa parados. Não é o caminho. Olhamos para além dos cartões na parede e o social surge em oposição ao econômico. Como pode? Onde foi que viemos parar na caminhada dos últimos 60 anos? Será o setor social um filho rejeitado do Pós-Guerra? Será um bebê de proveta? Um simulacro

que nos entorpece? Que escultura é essa? Quem a fez?

No fim do dia tocamos aquilo que chamamos de crise de identidade do setor social. A estratégia é dormir sobre as perguntas, deixar a noite produzir respostas. Esta é mais uma escolha.

Depois do jantar, volto aos registros. Não quero me perder de mim mesmo. E escrevo: “o encontro é bonito. Vejo gente aberta, artistas, gente em busca de sentido, profundidades, conseqüências. Somos gente. Há sorriso, timidez e ansiedade. Parte de mim esta solta, se sente em casa, valorizado, escolhido para estar aqui. Sinto que acreditam em cada um de nós, o que é surpreendentemente bom. A língua me pesa, tende a me paralisar. Escolho o confronto com a limitação. Eu arrisco, eu falo, eu faço piadas, pergunto. E permito que me ajudem. Porque também desenvolver-se é não se envergonhar. Na Conferência é preciso se humanizar em demasia, e talvez essa seja também uma parte do método. Agora vou ler Mia Couto, me refugiar no português de Moçambique. Há raízes minhas neste continente” (notas do campo)

É outra manhã e escolho saltar o café. Quero enfrentar o plenário vazio, intuir como essa gente vai dizer bom dia e compartilhar o ontem. Ali há um músico, Neo. Ele eleva

nossa voz a um estado de coral. Parece que o Sol nasce na garganta dessa gente; sobretudo em quem é negro, eles me encantam. Quantas vozes e quantos gritos. O dia vai esquentar e a música serve para afinar o grupo que somos. Não foi Goethe que nos definiu como instrumentos?

Mas na plenária as apresentações param na minha garganta. A produção dos grupos vem performática, mas falha em seu conteúdo. O que trazemos não conecta. A linha do tempo se perde. Cada relato se fecha em si mesmo, a conversa não se torna uma espiral. Entorto o bico porque há um erro no processo. Eu enxergo, confio e espero. Tentamos outra pergunta. *“Pensando no setor desenvolvimento, o que vejo? Vejo...”* E então escrevo antes da partilha: *“vejo um organismo nu, tantas vezes despido de si mesmo, usando uma pele que parece não lhe pertencer. Há uma crise? O que estamos fazendo? Que regras estão em vigor? Onde está a criatividade? O que foi que vendemos para obter o sucesso de agora? Para termos as gigantescas e milionárias agências internacionais? Um social reduzido, incompreendido e desocupado de sentido? Estamos lidando com pressupostos que não operam: os enxergamos?”* (notas do campo)



A plenária é interrompida e outra vez desgosto do ritmo. Me deparo com a pressa que deixei em São Paulo. Aqui ela é clandestina, não é bem vinda por mim. Para onde vamos assim? Será que não sei seguir regras? Elaboro em demasiada lentidão? Um intervalo então nos esfria; depois vêm as escolhas dos grupos de estudo. Penso que direção seguir.

Na *Conferência* nos encorajam a mergulhar em nossas práticas, buscar nelas as luzes e as sombras do trabalho social. Entre os temas possíveis, me agarro à *advocacy*. Quero olhar para a militância fragilizada, para o ativismo condenado, para a forma como se faz inquisição dos conceitos ideologia, política, revolução. E a escolha ganha mais sentido.

Entre seis grupos abarrotados de gente, sou uma das cinco pessoas a escolher *advocacy*. Instalados diante de um jardim de inspiração grega, na surpreendente *Temenos*, falo ao grupo de meu incômodo: *“em tempos de olhar para o setor social, para sua identidade frouxa e confusa, para a energia dispersa entre tantas coisas contraditórias, para a institucionalização dos movimentos, as práticas cooptadas, não é revelador ver o grupo de advocacy tão resumido? Devemos olhar também para este esvaziamento?”* (notas do campo). O grupo escuta, acolhe a questão, se cala. Estudamos os casos, e só.

Outra sessão de argila inaugura a tarde, que segue feito corredeira. Em meus registros: *“passam as pessoas, passam as palavras, passam os conceitos e sentimentos, e tudo segue rápido demais, como se corresse para o mar. Porque tanta coisa?”* (notas do campo). As esculturas ganham mais destaque que o processo de esculpir. A água, as forças, as mãos ressecadas, a fragilidade da obra a cada parede aumentada, o imperfeito. Carrego a sensação de que o caminho se torna marginal diante dos produtos. Engrosso

os registros: “*será este o fenômeno que vivemos? Como profissionais de desenvolvimento, estamos enamorados da nossa própria obra? Será de narcisismo que padecemos?*” (notas do campo)

O dia termina em mais um encontro, agora de volta ao estudo do *advocacy*. Na seção o estudo produz conversa bonita, arredondada e cheia de silêncios. Há em McGregor um céu impressionista. Ele nos ajuda a misturar as idéias, perder seus contornos e suas separações. Nossa conversa produz elementos. Nela enxergamos uma *advocacy* nova, pelos processos de desenvolvimento, pela escuta, pelo encontro, pelas relações profundas e verdadeiras, por tudo o que é orgânico no campo social, pelos caminhos originais para cada situação específica, pelo poder compartilhado, pelos processos endógenos, pelo respeito a cada micro-cultura. Esta é uma causa pela qual fazer *advocacy*?



Falamos de conflitos e de como compreendê-los. Lidar com eles é um fundamento básico das práticas de *advocacy*. Perguntamos-nos se estamos preparados para isso, se estamos ajudando as pessoas a se preparar para isso. Estamos interessados em fazer isso? É possível lidar com o conflito por meios não beligerantes, agressivos e destrutivos? Saber o que projetamos sobre os outros? Estender às mãos às próprias sombras? Nas palavras de Jung, abertos a amar o inimigo, que está aqui? Que somos nós?

Pensamos que não se pode fazer *advocacy* de fora para dentro. É preciso estar lá, no calor do que acontece, em cada construção, engajados e interessados. É possível estar dentro e manter consciência do processo em curso, compreender os sentimentos, os desejos seus e de cada um?

E falamos que fazer *advocacy* é dar luz a coisas novas, escondidas, frágeis: a idéias, direitos, princípios, métodos. Falo então de gravidez social, de como muitas vezes somos portadores de coisas que ainda virão a ser, que queremos que sejam. O que este papel demanda de nós? Estamos de fato trazendo aquilo que as situações pedem? Que os sujeitos necessitam? Para quem olhamos quando fazemos *advocacy*?

Narciso retorna à minha cabeça. Ele nos acompanha. Vigiamos. Por isso a sessão é cheia de silêncios enquanto o dia escorre os últimos fios de luz. Há uma *advocacy* em gestação.

Antes do jantar, preparado para que haja encontros em pequenas mesas, outra dose de registros sedimenta o dia apressado: “*estou cansado e me sinto bem. Estou interessado pelo que acontece aqui. Vejo também as pessoas interessadas, e isso me mantém presente, inteiro. A conversa sobre *advocacy* cresceu, fez sentido. Compartilhar meus incômodos também foi importante, fez diferenças. Sinto que os dias foram desenhados*”

para abrir e provocar. E criamos idéias. Mas sinto que há um exagero de tarefas. Farejo tentativa de controle. Há sempre forças que querem nos manter surfando, e eu quero mergulhar. Mas é um grupo maduro, o que me provoca a amadurecer. É importante construir referências para minhas ações. Importante ter princípios, tentar conhecê-los sempre, manter o exercício: será este o princípio? (notas do campo)

O dia seguinte inaugura também uma agenda nova, renascida das avaliações do dia anterior, sessão na qual estive. Reconheceu-se a pressa, o excesso. Fizeram-se ajustes. A música no bom dia aqueceu o coração tão mais do que o corpo. Dançamos em círculo, feito uma grande tribo. Lembro-me agora da frase que nos disse certo rapaz: *“temos onze idiomas na África do Sul, e muitas vezes não nos entendemos. Fossemos nós escolher um deles para unificar os diálogos, certamente a dança seria a escolha da nação”*. O círculo faz parecer verdade. Abrimos a sessão.



Dos grupos de estudo vêm conteúdos fortes em resposta à pergunta de James Taylor: *que características de nossas práticas (intervenções) conferem identidade ao setor social?* Advocacy, facilitação, investimentos e doações, construção de capacidades, redes e alianças, desenvolvimento comunitário. São esses os eixos estudados, revisados a partir dos casos, geradores de conteúdos na *Conferência*. A plenária ganha consistência, volume, produção.

Dela saímos repletos de caracterizações, enxergando práticas, luzes e sombras, armadilhas, fragilidades e cada contradição. Reconheço o setor social? Reconheço-me? Reconheço minha organização? A plenária borbulha e depois dela mergulhamos em mais trabalho individual. Vamos em busca das nossas referências, de quem nos inspirou ao lado da vida, dos fatos recentes que nos marcaram, nos mobilizaram. Queremos compreender que atenção damos ao social e de que maneira a realidade nos toca. E buscamos os nossos limites, onde encontramos nossos nós. Vamos expandir o estudo para dentro de cada um, procurar a “prática dos sonhos”, confrontá-la.

Escolho outro jardim. Outro privilégio. A xícara de café embala o trabalho. Faz frio na varanda em que estou e o pensamento é o que me aquece. Vejo que minhas referências mudam à medida que mudam as fases da vida. Mas enxergo quem me inspira, suas humanidades, lutas, o que perderam e ganharam: *Paulo Freire, Che Guevara, Freud, Lula, Gabriel Garcia Marques, Nelson Mandela, Guimarães Rosa, Dostoievski. A minha família*. Importante ter referências, compreendê-las no cotidiano. Mais importante ainda saber que elas mudam, amadurecem, contextualizam-se.

E me deparo com aquilo que não gosto, que não quero aceitar. E registro: *“porque a prática que não quero é aquela em que esperam de mim posições neutras, como se eu não estivesse abraçado pelo mundo. Quando existem agendas escondidas e eu estou lá em nome de outros. Quando encontro posições radicais que não permitem que outro discurso floresça, outras idéias. Quando as pessoas querem usar umas às outras.*

Quando querem se manter cegas e ingênuas frente ao mundo social, ao que é tão evidente. Quando me deparo com quem quer acumular poder para se preservar no poder. Quando há corrupção.” (notas do campo). Registro aquilo que me entristece, sei o que não quero. E sei o quanto com isso me deparo.

E também enxergo aquilo que desejo, aquilo que por vezes experimento no trabalho social, aquilo que ajudo o Instituto Fonte a construir. São o meu sim. *“porque nesta prática as pessoas querem trabalhar as suas questões, enxergá-las e lidar com elas, verdadeiramente. As pessoas acreditam que a partir da intervenção algo vai mudar, investem nisso. Quando se trabalha com confiança uns nos outros, quando há respeito. Quando estamos abertos para experimentar pensamentos, vontades e sentimentos. Quando temos tempo para permitir que o processo flua, viva. E quando há tempo para nos preparar. Quando o trabalho é, em si, uma inovação, um caminho criativo, original para aquela situação. Quando nos desafiamos e caminhamos em direção ao que se entende como limite. Compartilhamos responsabilidades e eu não faço pelos outros. Quando acompanho os desdobramentos, porque as intervenções não são pontos isolados na linha narrativa de uma organização, não são produtos a serem consumidos. E eu escrevo, porque isso me ajuda a olhar o caminho, o revela a quem se interessa por ele, o revela para mim.”* (notas do campo).

Depois do tempo em silêncio, dessa produção, encontro Sandra Hill, porque somos convidados a dividir as reflexões uns com os outros. Agora é na escuta que me concentro, porque quero compreender seu caminho, suas referências, seus limites e a prática que ela deseja. É no nosso encontro que o *social* se constitui, porque agora somos mais do que ela e eu, somos a união, aquilo que entendemos um do outro, aquilo que trazemos um para o outro, aquilo que recebemos um do outro e aquilo que levamos conosco, para qualquer lugar. A *Conferência* se dá ali, naquilo que somos. E a sessão é gigante. A escuta amplia as percepções. Partimos.

No almoço há mais silêncio do que ontem. As pessoas estão tocadas. Há pouco espaço para a comida porque os alimentos são outros. De lá caminho para a argila, será nosso último encontro, o terceiro encontro das mãos com a terra e a água. Urs, o facilitador de sotaque alemão, encoraja-nos a produzir uma forma orgânica e outra cristalina. Trabalhar a curva e a reta, um óvulo e um ângulo. Divido-me entre um paralelepípedo e uma gestante – que nestes dias não me sai da cabeça. Temos perguntas a sustentar: de que maneira nos relacionamos às formas? Quais são as diferenças no interesse, na vibração e nos sentidos?



Trabalho e, ao final, registro os pensamentos: *“a argila pega. A energia se vai. Parte são as mãos, parte a criação. Desejei entender o sentido em cada gesto. Consegui. E há tanto no processo. As mãos sujas incomodam, a coisa seca atrapalha. Ela não vai onde eu quero. Tolero, espero, dou voltas para buscar compreensão. Equilíbrio difícil de alcançar. A argila sofre em minhas mãos, e mantém a rebeldia. Entre o que eu quero e*

tudo permite, há uma produção. E a água se esconde, mas está lá, persiste. Foge para dentro. Protege-se para se preservar. Minhas mãos alteram tanto o material. Como é forte a minha intervenção. Na forma orgânica fico retido, é o que mais me interessa e que mais exige de mim.” (notas do campo)

Na última noite ganha espaço uma festa, uma celebração. Depois do trabalho, de preparar as apresentações para a plenária final, a música de McGregor ganha o salão. Em africâner, o prefeito abre o jantar temperado com os cheiros, cores e gostos do continente africano. Ele é um homem simples, que nos agradece a visita e fala do problema de falta de água que vive a cidade. Ele se torna parte da *Conferência*, nos lembra de porque estamos lá. Usa seu tempo para dar a mensagem. Quase ouço o que ele quer dizer: não se esqueçam de que estão aqui. E penso que McGregor são também nossos países, nossas cidades, nossas populações.

Amanhece mais frio que o costume dos últimos dias. Hoje começaremos a regressar, como se houvesse um êxodo da comunidade e do território que experimentamos nesta semana. A abertura da plenária é fortíssima, com círculos uns dentro dos outros, movimento e poesia, euritmia: *o mar, o mar, o agitado mar, sem marcas, sem limites...* Alguém faz aniversário e a ela entrego minha escultura grávida. Estamos aquecidos para a plenária, nosso último encontro em McGregor.

As produções vêm embebidas de criatividade. Da plenária é o que mais carrego agora. Os discursos se incorporaram na caracterização. Ao lado da argila que exponho, outros trazem música, dança, pintura, euritmia e grafite (quadrinhos). Cada expressão artística revela a *Conferência*, seus conteúdos e construções. Elas nos trazem respostas, elas revelam identidades, elas nos fazem convergir e nos encorajam a uma nova ordem de perguntas. A plenária é um órgão pelo qual flui o que construímos em cada espaço, dentro e fora de nós, ao longo da semana.

Aqui não quero arriscar sínteses. Tenho a crença de que não se resume totalidades. Mas agora me ocorre: a plenária é um encontro de saltimbancos. Famílias inteiras a instalar carroças e a fabricar arte. Quem dança o tango descobre suas possibilidades, aprende os movimentos nas relações entre cada ator social. A dança das mudanças, a dança das sombras, a dança dos poderes. Faz sentido a frase da professora dias atrás: *“se você anda, você é fortemente capaz de dançar”*. São os potenciais de leitura, de ritmo e de equilíbrio que emergem entre nós. Surpresa.

Outros artistas navegam na euritmia. O círculo em que transitam esferas, de mão em mão, nos ensina tempo, fluxo, confiança. Quanta coisa é possível fazer em comunhão, quando se cria atenção para aquilo que se dá e para o que se recebe. Mais surpresa. Chegam outros de nós, agora músicos, para nos lembrar que cada voz tem espaço, tom e sentido. Que cada uma existe em si mesma. Que é preciso enxergá-las e experimentá-las antes de fazê-las juntas. E elas se fazem juntas. Notas, ritmo, melodia: harmonia é o que somos capazes de produzir.

A pintura oferece mais perspectivas. Lembra-nos que temos cores e texturas. Que do encontro das nossas pinceladas emerge o quadro social, fabricado a cada encontro. Que cores ele tem agora? Que formas ele tem agora? Onde estão seus autores? Outro capítulo se escreve e as mãos que produzem o painel multicolor são as nossas. E estão ali, naquela hora. Somos os autores e caracterizamos.

Do grafite vem a dramatização, que o converte em planos além das figuras. Agora os saltimbancos usam fantasias. Há super-heróis, há líderes comunitários, há financiadores. Lembro-me de Mia Couto, porque o cenário é como Tizangara: há gente pequena, em lugares pequenos, onde a obediência é grande. Mas há resistências e subversões. Mudanças. O mosaico da prática quer dizer que cada sujeito pensa, escolhe e sabe. Quer nos alertar para as ações teatrais, simulacros, nos livrar da enxurrada de soluções prontas, as ferramentas que escorrem norte abaixo. Eles pedem que seja permitido ensinar e aprender, em todas as direções.

E nossa argila, que lhes mostra o trabalho das mãos, o esforço dos músculos e sua memória. Somos os sujeitos a construir as formas e ao mesmo tempo construídos por elas. Neutralidade não há, tampouco frieza, distanciamento. A obra humana é fruto da minha intervenção. Um universo de possibilidades em cada mão que se deposita no mundo. Nós o moldamos a cada dia, que é quando ele existe. Temos o hoje para transformar ontem e amanhã. Reinventar direções.

Tanto se traz que não há espaços para discussão. Talvez não fosse o necessário. Cada um recolhe para si os frutos dos dias vividos. É quando nos convidam para a última página de registros. Presenteiam-nos com poesia. *The Magic Box*² nos inspira a pensar o que levar conosco, o que colocar em minha mochila. Sento-me em outro café e patino entre mil palavras. Pela primeira vez na semana não consigo escrever. Tento prosa, tento poesia. Ameaço com itens em resumo. Mas não há espaço, não há clareza. Resisto ao exercício. Ele ficará para depois. Ficou para agora.



Na sala final, uma folha para avaliação. Convidam-nos a olhar para a *Conferência* com o foco em sua estrutura, sua terra; em seus caminhos processuais, as relações embaladas pela água; as inspirações do ar; o desejo e a força compreendidos no fogo. É nosso último registro antes das palavras que encerram os trabalhos e concluem nosso encontro em McGregor. Visito Allan Kaplan³, o círculo criativo, os campos de tensão entre os pares de opostos, a energia gerada pelas polaridades, as intenções e as direções da *Conferência*. Tomo consciência de que ele não está aqui. Escrevo sobre o sim e o não, suas contradições criativas. Despeço-me.

Dias depois estou de volta a São Paulo, outra vez imerso no campo social, mergulhado em processos de desenvolvimento dos quais me ocupo, onde experimento minha arte. Há dias carrego no peito sensações boas, um estado de maravilhamento com aquilo que se apresenta para mim: cada seminário em que estou, cada liderança que acompanho, cada educador que apóio, cada organização que visito. O Instituto Fonte. Materializam-se os cenários onde posso intervir, onde posso ser um profissional de desenvolvimento.

² Poema de Kit Wright. Disponível em inglês em: <http://www.poetryclass.net/lessona.htm>

³ No livro *Artistas do Invisível*, de Allan Kaplan, ver páginas 107 a 113.

E a *Conferência* ainda opera em mim, confrontando reflexões e prática, teoria e prática, discurso e prática. Minhas tensões.

Sinto-me pleno em minhas procuras e vejo um longo caminho percorrido. Por quem esteve aqui antes, por mim, pelo Instituto Fonte, pelos meus colegas. Ainda tenho os sabores da *Conferência* em minha boca e agora os misturo com o que me alimenta pelas ruas brasileiras. Estou em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Recife, as minhas casas depois de voltar de tão longe. É para onde levo a Conferência. Sua gente, suas perguntas, seus conteúdos e meus sentimentos.



Nigel Goddard

Quero conversar e por isso escrevo. Quero compreender as coisas e por isso preparo perguntas. Quero que cada um de nós faça suas pequenas e invisíveis diferenças, e por isso eu fico aqui, em busca de encontros que possam permitir o social renascer a cada dia. Como o dito em Tizangara, “*o mundo não é o que existe, mas o que acontece*”⁴; por isso estou interessado na história, nas lutas, nas alternativas, nos acertos e erros. Interessa-me como o presente se alimenta deles. Como essa comunidade, como o CDRA e o Instituto Fonte, como tantos de nós em cada continente, estou interessado na produção de horizontes.

Eu os vejo nascer em todos esses lugares. E sei que são fruto de ofício e arte, de experimento e resiliência, de confiança e força de toda esta gente que somos nós, profissionais de desenvolvimento.

⁴ No livro **O último vôo do flamingo** (pg.13), de Mía Couto.